



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

JOSÉ JAQUESON VIEIRA CAVALCANTE

**CONTOS DE FADAS NO LETRAMENTO DE UMA TURMA DE PRIMEIRO
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CASTANHAL-PA.**

CASTANHAL

2018



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

JOSÉ JAQUESON VIEIRA CAVALCANTE

**CONTOS DE FADAS NO LETRAMENTO DE UMA TURMA DE PRIMEIRO
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
CASTANHAL-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Orientadora MSC Dina Carla da Costa Bandeira.

CASTANHAL
2018

JOSÉ JAQUESON VIEIRA CAVALCANTE

**CONTOS DE FADA NO LETRAMENTO DE UMA TURMA DE PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CASTANHAL-PA.**

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Msc. Dina Carla da Costa Bandeira– (Orientadora)
Universidade Federal do Pará

Prof. (o). Dr (o). Ellen Aguiar da Silva– (Membro Interno)
Universidade Federal do Pará

Prof. Eliton Janio Araujo – (Membro Externo)

“Mente superior, atitudes superiores.”

Jaqueson Cavalcante

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que durante o curso contribuíram diretamente para a minha formação universitária através da construção dos seus conhecimentos.

Sou grato de maneira sincera aos meus pares acadêmicos que de muitas formas foram importantes na jornada de todos os dias.

À minha orientadora Msc. Dina Carla da Costa Bandeira, que gentilmente aceitou me conduzir para o término desse trabalho. E de maneira especial, estendo o agradecimento a uma pessoa que já sendo formada me auxiliou muito na ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), Thayssa Nobre. E também não poderia deixar de mencionar a Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal – UFPA, juntamente com seus funcionários ao qual me acolheu em suas dependências de maneira sempre atenciosa.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a importância dos contos de fadas como ferramenta auxiliadora no processo de letramento de uma turma do primeiro ano do ensino Fundamental de uma unidade de ensino pública municipal, situada no município de Castanhal – Pará. O estudo versa também sobre a importância e o incentivo que esse gênero literário proporciona à leitura. A pesquisa é de cunho qualitativo, em que se adotou como instrumento de coleta a observação direta e uso de entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa são duas professoras que atuam na rede de ensino municipal da Educação Infantil. A abordagem teórica teve como principais referências autores que discutem o trabalho de forma contextualizada em suas diferentes dimensões, entre os quais destacamos: Bamberguerd (2000); Barcellos e Neves (1995); Abramovich (1991; 1995), Coelho (1990), entre outros. Os resultados permitiram a partir desses instrumentos, identificar e analisar o processo de aquisição da leitura na referida sala do ensino fundamental e refletir sobre a inserção da criança, desde cedo nas práticas da leitura.

Palavras-chave: Contos de fadas; Letramento; educação e leitura.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the importance of fairy tales as an auxiliary tool in the literacy process of a class from the first year of elementary education in a municipal public education unit located in the municipality of Castanhal - Pará. the importance and the incentive that this literary genre provides for reading. The research is qualitative, it was adopted as instrument of collection the direct observation and the use of semistructured interview. The research subjects are teachers who work in the municipal education network of Early Childhood Education. The theoretical approach had as main references authors who discuss the work in a contextualized way in its different dimensions, among which we highlight: Bamberguerd (2000); Barcellos and Neves (1995); Abramovich (1991, 1995), Coelho (1990), among others. The results allowed these instruments to identify and analyze the process of reading acquisition in the aforementioned elementary school and to reflect on the insertion of the child, from an early age in reading practices.

Keywords: Fairy tales, literacy, education and reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO I - QUEM CONTA UM CONTO DE FADAS?	14
1.1 Um pouco da história dos Contos de Fadas.....	14
1.1.1 Literatura Infantil e suas nuances.....	15
2.1.2 Contos de Fadas.....	19
2.1.3 Benefícios dos Contos de Fadas	22
2 CAPÍTULO II - CONTOS DE FADAS E O LETRAMENTO	25
2.1 Para entender o letramento: origem e conceitos	25
2.1.1 Contos de fadas para o auxílio na prática social de leitura e escrita.....	27
2.1.2 O papel do professor ao contar histórias	28
2.1.3 Que histórias contar em sala de aula.....	29
3 CAPÍTULO III - O ENSINO DA LEITURA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA FERREIRA NOBRE	31
3.1 A construção e formação para o letramento.....	31
3.1.2 Relatos da prática vivenciada	31
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

O interesse pelo objeto de estudo “contos de fadas” surge a partir do contexto familiar, em que se vivenciava na infância contos narrados por adultos (pais, tios e primos) possibilitando desta feita adentrar em um mundo fascinante e imaginário. Posteriormente, ou seja, na trajetória acadêmica, os contos de fadas puderam ser resgados por meio de uma atividade de ensino, em que ao observar crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, as mesmas se apresentavam envolvidas nas ações de letramento, tendo a narrativa dos contos de fadas uma possibilidade de transportá-las ao universo da fantasia e imaginação, o que por nós era vivenciado na infância.

Ademais, os contos operam sob a imaginação corroborando com a ideia de que as histórias contadas possuem um efeito benéfico emergindo sentimentos naturais do ser humano e conseqüentemente a busca por mais contos fascinantes através dos livros, o que possibilita de maneira prazerosa o gosto pela leitura.

Destaca-se ainda que os contos de fadas são as primeiras histórias que as crianças ouvem dos adultos que as cercam, principalmente de suas mães, despertando a imaginação que faz com que elas mentalmente viagem por lugares fictícios ao lado dos personagens ou até mesmo colocando-se no lugar deles, ultrapassando seus limites, vencendo medos oriundos dos perigos imaginários contidos no conto.

De acordo com Bamberguerd (2000, p.71), a criança que tem contatos com livros, escuta histórias e é incentivada desde cedo, terá seu vocabulário ampliado e a prontidão para a leitura. Ainda segundo o autor (1980, p. 20-21), o conto de fadas é a literatura mais compreensível para as crianças, onde é usada uma linguagem simples, porém, com significados variados conforme o meio e a idade de cada ouvinte.

Barcellos e Neves (1995) colaboram quando destacam que a hora do conto é de muita relevância para o desenvolvimento integral das crianças, enfatizando ainda que o momento do conto é uma maneira de incentivo à leitura.

É sabido por nós que embora existam diversos meios de entretenimento voltados às crianças a exemplo de teatros, televisão, Dvds, variados livros de literatura infantil e juvenil, mas acreditamos que é a palavra que emociona que aguça a imaginação da criança e nos intenciona compreender e melhor desvelar este “mundo”.

Observamos que o trabalho baseado nos contos de fadas permite que temas, cenas e personagens sejam analisados e questionados exercitando assim a capacidade de reflexão das crianças. É importante que a criança ouça histórias, imagine os lugares, os personagens. Nos contos de fadas, existe uma riqueza de aspectos formativos que se apresentam de forma fantástica, lúdica e simbólica, como ressalta Abramovich (1995), o conto de fada é algo que traz a realidade modificada e com muita criatividade, deixando a criança descobrir os pormenores da história.

Chama atenção o que M. Coelho (1990), na obra ‘Contar histórias? Uma arte sem idade’, quando destaca os passos que o narrador deve trilhar para contar histórias, que vão desde a escolha da história, seu estudo, narração até exemplos de atividades a partir da história. A citada autora comenta que, como toda arte apresenta segredos e técnicas, com a arte de contar histórias não é diferente, pois, mexe com uma matéria-prima muito especial, a palavra que, de certa forma inata, pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se reconheça a importância da história para crianças.

Considerando que este estudo trata da importância da literatura infantil, em especial os contos de fadas, como incentivo ao letramento, em particular no 1º ano do ensino fundamental, a pesquisa tem como objetivo geral: analisar de que maneira esse gênero literário-Conto de fadas contribui com as práticas sociais de leitura e escrita, e, como objetivos específicos I) analisar a importância dos contos de fadas, seus aspectos teóricos e metodológicos no processo de ensino aprendizagem; II) Verificar o papel da leitura por meio dos contos de fada; e III) Identificar se os contos de fadas estão incentivando a criatividade artística dos alunos.

Desta feita, este estudo demandou a adoção de uma abordagem de cunho qualitativa em função dos objetivos traçados e que para Ludke e André (1986):

[...] A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está inserida [...] (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11).

Como foco de nossa investigação, escolhemos uma escola pública da rede municipal de educação infantil e ensino Fundamental na Cidade de Castanhal-Pá, dada a proximidade do investigador com esta, nos meses de Outubro a Dezembro de 2017 em que utilizamos como

instrumento a observação direta e entrevista com as professoras em seus respectivos ambientes de trabalho acerca de informações sobre os contos de fadas e sua importância no letramento das crianças.

A apresentação do trabalho está estruturado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo sob o título **“Quem conta um conto de fadas?”** que trata da gênese, benefícios e transformação dos contos infantis. Nesta seção consta uma abordagem sobre os autores importantes que contribuíram para que os contos de fadas chegassem até nós já apropriado para o público infantil, por exemplo, Charles Perault, os irmãos Grimm e Hans Cristian Andersen. Os teóricos utilizados foram: Nely Coelho (1991; 2009), Bettelheim (1980; 2007), Betty Coelho (1990; 2008) e outros.

O segundo capítulo intitulado **“Conto de fadas e o letramento”** com objetivo de mostrar que os contos de fadas exercem papel importante como metodologia. Nesse tópico alguns dos autores utilizados na discussão foram: Soares (1988; 2009), Koch (2002), Rojo (2002), Bettelheim (1980; 2007), Bakhtin (1988), Abramovich (1991; 1995) e outros.

O capítulo III denominado **“O ensino da leitura e a prática pedagógica da escola municipal Maria Ferreira Nobre”**. Nesta etapa, serão mostrados os relatos de duas professoras referentes ao uso dos contos de fadas no auxílio ao letramento.

Ao final teceremos as considerações deste estudo.

CAPITULO I

QUEM CONTA UM CONTO DE FADAS?

1.1-Um pouco da história dos Contos de Fadas

“Era uma vez” ...Quantas vezes essas palavras não foram ouvidas ou lidas por um adulto? Contos de fadas é um gênero literário que foi gerado a partir da oralidade geralmente voltados na atualidade das crianças e que se fazem presente no cotidiano do ser humano por longos anos.

Ademais, quem ouve ou lê uma narrativa nem imagina que os primeiros registros tiveram origem com a tradução oral, narrados por adultos em rodas de conversa ou em rodas de fogueiras. Suas características geralmente são: Muitos iniciam por “era uma vez...” ou “há muito tempo...”; Transmitem uma lição de moral; Não faltam personagens alegóricas tal qual, bruxos, magos, monstros, animais falantes, etc.; A presença de magia e encantos; Os personagens centrais são membros da nobreza: príncipes, princesas, etc.; Presença de castelos, aldeias, florestas, isto é, o espaço geográfico de um feudo; São definidos por uma luta entre o bem e o mal; Sempre terminam com um final feliz.

Os relatos enfatizam que os contos de fadas surgiram a partir dos egípcios com o “livro Mágico” datado de 4.000 a.C. Logo após, essas histórias apareceram na Índia, palestina e Grécia Clássica, e o Império Romano foi o principal divulgador das histórias “mágicas” do Oriente para o Ocidente (M.COELHO, 1990).

Ainda segundo a mesma autora no século VII iniciou-se o registro material dos contos de fadas, onde foram transcritos um poema épico chamado Beowulf, de autor desconhecido, que representa um marco da literatura medieval. As fadas só surgem no século IX no livro chamado Mabinogion de escrita galesa.

De acordo com Bettelheim (1980), a primeira coleção com motivos folclóricos que surgiu na Europa no século XIV foi “Gesta Romanorum”, que de origem persa foi escrita em latim, antecessora da conhecida coleção “As Mil e Uma Noites” do folclore árabe.

M. Coelho (1990) corrobora ao enfatizar que no século XVI foram escritos "O Conto dos contos", de Basile e “Noites Prazerosas”, de Straparola e no início do século XVII, quando o racionalismo clássico (onde a razão também deveria estar presente e não somente

emoção e sentimento) enfraqueceu, desta maneira, foi se destacando a literatura que tinha a fantasia e o imaginário como temas.

Ademais, os contos de fadas quando surgiram, não eram literatura com especificidade para crianças, a transformação desse tipo de literatura teria iniciado na França com Perrault no século XVII, no século XVIII com os irmãos Grimm na Alemanha; com Andersen no século XIX na Dinamarca; e com Walt Disney no século XX na América, Coelho (1987).

Os principais contos de Charles Perrault são: "Contos de ma Mère l'Oye" (contos da Mamã Gansa), A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique de Topete e O Pequeno Polegar, que tinham teor moralista (COSTA e BAGANHA, 1989).

Os linguistas e folcloristas alemães conhecidos como irmãos Grimm ficaram por 13 (treze) anos recolhendo contos da tradição oral, todos típicos do espírito alemão. Em 1812 fizeram a primeira publicação, e o segundo volume foi terminado dois anos depois em 1814, juntos, os irmãos chegaram a editar ao todo 210 histórias famosas como: Pele de Urso, A Bela e a Fera, A Gata Borralheira e João e Maria (PAVONI, 1989).

Hans Christian Andersen, dinamarquês publicou em 1835 seus quatro primeiros contos e até 1872 fez a produção de 168 histórias com teor social que inspiravam moral e ensinamentos, são suas essas histórias: A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha, Soldadinho de Chumbo (COELHO, B.,1990).

O empresário, cineasta, animador e produtor de desenhos animados, o americano Walt Disney (1901-1966), não foi o autor de nenhum conto, porém, teve seu reconhecimento ao fazer a releitura de contos de fadas a exemplo de "Branca de neve e os sete anões" que foi lançada nos cinemas como animação. Walt Disney em suas adaptações de contos clássicos subtrai passagens mais fortes no intuito de não assustar as crianças diante da tela do cinema. (COSTA e BAGANHA, 1989).

1.1.1-Literatura Infantil e suas nuances

As obras literárias que são apresentadas às crianças, ou seja, a literatura infantil, são cheias de metáforas, ficção. Elas instigam o imaginário infantil, pois, tem a possibilidade de variadas compreensões.

Bettelheim (2007), destaca que os objetivos da literatura infantil, além de divertir e informar, é de desenvolver a mente e a personalidade da criança contribuindo para dar sentido e transmitir experiência de vida a esse público, por ser essa uma modalidade de leitura é de fácil entendimento consegue alcançar seu objetivo, pois tem uma temática adequada para as crianças.

Em Coelho (1991), a Literatura Infantil implica em conceber uma abertura no pensamento do Século XVIII, pois, antes não se escrevia para crianças, era inexistente a concepção de infância, adultos e crianças frequentavam os mesmo eventos sociais. Assim, a literatura nasce desse novo modelo que agora, respeita a idade do leitor, essa mudança materializou-se através das histórias dos contos e lendas, mitos, poemas, etc. Levando em consideração agora a educação humanística da criança.

Foi só a partir do século XVIII, conforme Cunha (1989), quando a criança passou a ser vista a partir das suas especificidades e não como um adulto, que foi criada uma educação voltada às elas, com literatura à esse público fazendo com que as histórias antes contadas sem distinção, fossem adaptadas agora para a infância e juventude, a exemplos de Perrault e irmão Grimm em que sua literatura estão de acordo, ao considerar a idade do seu leitor, ou seja, as crianças.

Carvalho (1985, p. 77), ressalta que a Literatura Infantil,

tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de Fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época, um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança.

Observamos desta feita que os contos de Perrault iniciaram o que percebemos hoje por Literatura Infantil, em que esse escritor divulgou histórias, eventos, folclore (já conhecidos pela tradição oral) e fez adaptações para o público infantil.

Meireles (1979, p. 19) tem como conceito de Literatura infantil a seleção que as crianças fazem em relação a suas escolhas:

Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”.

Desta forma, essa autora afirma que a Literatura Infantil existe em função de um público infantil e que,

em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não (MEIRELES, 1979, p. 27).

Para Meireles (1979) Não importa se um livro foi concebido especialmente para o público infantil, se a criança não consagrá-lo, é em vão, pode acontecer de um livro ser escrito para outra geração, mas pode ser consagrado por leitores com idade menor, a autora especifica que a classificação do livro infantil existe e se dá pela aceitação do seu público específico.

Isso se dá porque a obra deve oportunizar a imersão do leitor em seu universo, abrindo-lhe, segundo Cademartori (1987), novas oportunidades de interpretação de mundo, pois, o homem se forma através da formação de conceitos, e a infância é um campo fértil para tal. Nesse caso, a leitura infantil é uma ferramenta que pode ajudar nessa construção, uma vez que nas histórias existem padrões comportamentais nos personagens.

A Literatura Infantil proporciona uma interação entre locutor e interlocutor, é empregada como momento lúdico nas escolas de Educação Infantil, nas bibliotecas, é utilizada por bibliotecários como disseminação do prazer da leitura, realizando por exemplo, ações como “a hora do conto”, o que em consequência se revela em uma riqueza de oportunidades para as crianças e para quem acompanha as mesmas.

Na avaliação de Carvalho (1985, p. 17),

Literatura - Mitos, Estórias, Contos, Poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão, é uma das mais nobres conquistas da Humanidade: a conquista do próprio homem! É conhecer, transmitir e comunicar a aventura de ser! Só esta realidade pode oferecer-lhe a sua verdadeira dimensão. Só esta aventura pode permitir-lhe a ventura da certeza de ser!

Desde sempre uma das maiores conquistas da humanidade é a aquisição de conhecimento da realidade e posteriormente disseminá-la através da linguagem oral e também da escrita, o homem descobriu que adquirir novas habilidades será sempre um recurso à sua disposição; mas que segundo Carvalho (1985) “só depois que aprendeu a criar disponibilidades para seu próprio conhecimento, ele descobriu e cultivou os seus valores, fazendo-se admirado e respeitado”.

Tudo isso por meio das adaptações das histórias orais criadas para as crianças, ao se registrar essa Literatura, surge então a Literatura Infantil para atender o sentimento lúdico presente em cada criança e apresentando-lhes as antigas aventuras que certamente contém todos os sonhos, problemas, conflitos, medos que se assemelham aos seus.

Ainda segundo o autor.

É a Literatura infantil que vai criar essas disponibilidades, porque ela é a básica; dela, paradoxalmente, é que vêm todas. Todas as Literaturas nascem da poesia: da infância da Literatura, que é o mito, o poético, que embalou o homem, como as estórias embalam as crianças (Carvalho 1985, p. 17)

Assim, o homem, através dos tempos vem conseguindo deixar viva sua cultura, tendo como ferramenta as histórias contadas oralmente junto aos camponeses, eram contos folclóricos, ali eles narravam suas rotinas, dificuldades, alegrias, com intenção de entreter pessoas adultas após as suas jornadas de trabalho.

Para Estés (2005, p. 14),

O uso das histórias para entreter tem suas raízes na palavra latina *intertenerere*, [...]. Entreter significa deter alguma coisa mutuamente, unir entrelaçando. [...] cada um mantém o outro no estado ou condição desejada: que tal condição mantém o coração; que a espontaneidade do riso renova a fé no bem. É assim que entreter pode ser entendido como uma necessidade positiva, um grande prazer terapêutico e uma presença revitalizante.

Mesmo que as histórias fossem compreendidas como um entretenimento, contados ou lidos, elas permitem o riso, aquecem o coração e produzem grande prazer.

Pode se dizer que a literatura Infantil consegue impactar o imaginário da criança, o que permite ao leitor entrar em sintonia com as sensações reveladas pelo autor nas histórias, pois, os personagens têm personificações que parecem com as do ser humano, adulto ou

criança. Carvalho (1985) lembra que é da Literatura que o patrimônio cultural tem sua gênese, desta forma, toda história da humanidade estaria eternizada na mesma.

Assim, a Literatura ao ser inserida no mundo da criança é cultura que ela está recebendo, a autora frisa ainda que “o conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral” (CARVALHO, 1985, p. 18).

Meireles (1979) nos diz que:

a oferta de bons livros é um dos pontos cruciais para proporcionar o desenvolvimento de todas as habilidades de leitura e intelectuais, por meio de livros atrativos, que estimulem as faculdades do leitor, despertando a vontade de ler. Ela defendia a importância do livro na formação do indivíduo, e se a criança, desde cedo tivesse acesso a conteúdo de qualidade, os livros proporcionariam um bom aproveitamento de leitura. (MEIRELES, 1979, p. 120)

Não seria sem razão que Calvino (2007,p. 13) afirma que as célebres obras consideradas clássicas, não são unicamente a representação de um quadro histórico, mas conta e cria uma nova história, alinhando-se com a atualidade, mesmo se seu passado esteja cronologicamente separadas, Para ele as obras com denominação clássicas não são limitadas no seu tempo e seu conteúdo taxadas como verdades estão além de si mesma, são inexaurível, ensina e estão voltadas a questões primordiais como conflitos humanos e nunca finaliza aquilo que tinha para transmitir. Ou seja, atravessa o tempo.

Apoderando-se da imaginação podemos relacionar a Literatura Infantil a um grande baú de tesouros, pois, são isso os contos que foram deixados como legados de civilizações antigas para nós. Ao ser aberto esse baú, deixa escapar seus poderes de pura riqueza, magia e resplendor. A partir daí os conhecimentos culturais foram transmitidos através das narrativas para toda a humanidade.

2.1.2-Contos de Fada

De acordo com Carvalho (1985), com conteúdo baseados em costumes diversos, como relatos orais e ideias desses povos, os contos nos foram deixados como legado e mesmo enfrentando a tecnologia do nosso tempo, esse gênero se mantém firme no imaginário infantil, sendo desta feita, gêneros narrativos com origens bem antigas, remontam à idade média e contados por povos de origens diversas.

Coelho (2009) colabora destacando que os contos tiveram sua gênese na antiga civilização Celta (idade média), como já citado neste trabalho, considerados pela história como um povo que valorizava o misticismo e conseqüentemente a magia, culturalmente alicerçadas em princípios espirituais, fabricação de armas, culto às mulheres sobre-humanas, “deusas e fadas”, a autora ressalta que os rios, fontes e lagos eram para os celtas, lugares sagrados, pois, acreditavam ser fonte geradora da vida. Da água surgiram as fadas dentro da cultura Celta.

Os contos, dessa maneira, com sua natureza real e irreal, sobrenatural ou sobre-humana, porém, dotados com personalidade e qualidades humanas, possibilitava ao ouvinte ou leitor buscar semelhança com os relatos e ao mesmo tempo se imaginando enfrentando junto aos personagens heroicos, os desafios e colhendo as vitórias presentes nessas narrativas que personificavam o bem e o mal.

Tatar (2004) nos fala da sensação ao se envolver nos contos de fadas

Nesse mundo de imaginação, não só nos libertamos das realidades enfadonhas da vida cotidiana, como nos entregamos aos prazeres catárticos de derrotar aqueles gigantes, madrastas, bichos-papões, ogros, monstros e *trolls*, estes também conhecidos como adultos. (TATAR, 2004, p. 8)

Para Carvalho (1985), pela sua historicidade o conto está inserido em todas as literaturas, e na forma oral já existem a muito tempo e vão se otimizando desde que os povos se reuniam para conversar sobre variados temas como: eventos e possibilidades do dia a dia trazendo experiências vividas pelo outro (o outro em questão é o personagem da história que está sendo contada) e que podem ocorrer durante a jornada de vida do leitor e que corroboram para o entendimento individual dos conflitos e sentimentos do sujeito. Considera-se os contos ter uma forma primitiva pelo seu histórico-temporais e de certa forma pelo fato de ser simples e dinâmica em sua estrutura, por isso de fácil entendimento.

No ocidente é difícil encontrar quem não conheça algum conto de fada e sem sombra de dúvidas, um dos mais conhecidos em todo mundo e com várias versões é Chapeuzinho Vermelho ou “Le Petit Chaperon Rouge”, título no idioma francês, que teve sua primeira adaptação literária pelas mãos de Charles Perrault, no ano de 1697.

De acordo com Darnton (2010) apenas em uma região da França existem trinta e cinco versões para esse conto na literatura popular.

E antes de 1697 não foi encontrado versões escritas do conto Chapeuzinho Vermelho que vem de tradição oral, desta forma, segundo carvalho (1985), Perrault foi mesmo o primeiro a apresentar Chapeuzinho Vermelho em versão escrita.

Porém, de acordo com Bettelheim (1980, a temática tem origem bem antiga, mais precisamente da mitologia grega que diz que o deus Cronos engoliu seus filhos, no entanto, eles fogem e no lugar enchem o estomago do pai com pedras.

A analogia se dá que na versão que Perrault conta, o lobo engole a avó e também a Chapeuzinho Vermelho, por esse final trágico e por essa razão não se considerava um conto de fadas.

Tatar (2004, p. 28), afirma que o francês Perrault e os irmãos alemães, os Grimm se esforçaram e retiraram as passagens bizarras e obscenas contidas nos contos originais contadas pelos camponeses que Segundo Updike (apud TATAR, 2004, p. 9) nos conta que os contos de fadas atuais tiveram sua gênese numa cultura em que histórias eram contadas entre adultos: “Elas eram a televisão e a pornografia de seu tempo; a sublitteratura que iluminava a vida de povos pré-literários”.

Segundo Darnton (1986) nas versões contadas por Perrault e os Grimm não aparece o canibalismo e sexo que na versão dos camponeses eram presente, pois, nas histórias orais de chapeuzinho Vermelho, onde o lobo já se encontrava na residência da avó e fingindo ser a própria, pede para a menina se servir da carne e o vinho que está na cozinha que na verdade era a carne e sangue da avó que o lobo matou e fez como alimento. A chapeuzinho na esperança de escapar do lobo usou a artimanha de um *strip-tease*, no entanto não deu certo e foi devorada.

Temos também outras versões de contos conhecidos com uma versão primitiva, como a Bela Adormecida em que o príncipe ao ver a garota adormecida viola a integridade dela e a engravida de gêmeos, isso com ela adormecida mesmo, então o que conhecemos hoje como contos de fadas se não tivessem sido adaptados jamais seriam difundidos como são atualmente por ter um teor muito adulto.

A intenção da mudança segundo a autora Tatar (2004), seria produzir um conto moralmente aceitável. No seu livro Contos de Fadas edição comentada de 2004 a autora reuniu todos os contos conhecidos pelo público e os autores das histórias e expos as diferenças dos mesmos contos só que na visão de cada autor, ou seja, cada autor fez a sua versão, como por exemplo, da Chapeuzinho Vermelho que é a que tem mais variações.

2.1.3 Benefícios dos Contos de Fadas

O hábito da leitura traz inúmeros benefícios ao leitor. Através da mesma, examinamos os nossos próprios valores e conhecimentos com os dos outros e quanto mais cedo o indivíduo for inserido no universo da literatura seja na modalidade de leitor ou ouvinte, os benefícios tornam-se cada vez mais presente.

Constitui como tarefa primordial junto a criança o auxílio no que se refere a encontrar valores e significados na vida, esse auxílio pode vir através das experiências com outras pessoas ou herança cultural. A literatura infantil, como ressalta Bettelheim (2007) tem mais chances de atingir seu objetivo desde que prenda-lhe a atenção, desperte a curiosidade da criança e que esteja em conformidade com sua faixa etária. O leitor ou ouvinte terá seu enriquecimento intelectual, moral etc. Quando o que está sendo transmitido à ele contenha situações conflituosas, perturbadoras, porém, que lhe apontem caminhos e soluções para esses diversos sentimentos aflorados a partir da leitura.

A criança ao se deparar com situações que remete a problemas humanos globais vividos nos contos infantis, ela irá refletir sobre essas experiências ao passo que suas “pressões pré-conscientes e conscientes” serão aliviadas. (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

Isso acontece porque nos contos de fadas em relação ao leitor remete aos conflitos internos de forma figurada, no mesmo ponto que lhes aponta soluções para essas perturbações, não deixando também de oferecer sempre um final feliz que para o leitor retratará um novo começo dessa vez bem sucedido de uma nova etapa, o simbolismo presente nos contos se corporificam como se o próprio ouvinte ou leitor estivessem vivendo os fenômenos psicológicos íntimo do personagem, estimulando soluções adaptativas relacionadas aos seus próprios conflitos psíquicos, e a compreensão dos próprios pensamentos (BETTELHEIM, 2007).

Nesse sentido é certo afirmar que os contos possuem um contexto lúdico pela sua ação Minimizadora das angustias, pois, os contos de fadas carregam grande concentração de energia emocional que faz com que aja uma aproximação das dificuldades reais do leitor/ouvinte, mediando dessa forma, seu mundo interno com a realidade externa.

Nesse universo ficcional dos contos, a criança ao se envolver assume uma condição de participante ativa das histórias, e através do final feliz que acontece nos contos a criança interioriza a ideia que seus problemas reais também encontraram esse final feliz (CALDIN, 2004).

Segundo Bettelheim (1980, p. 14), Para que os contos sejam aproveitados integralmente o interlocutor tem que escutar repetidas vezes para assim dar-lhe tempo suficiente para assimilar o mundo dos sonhos e magia que desta forma lhe possibilitará compreender a si mesma e as experiências ofertadas pelo mundo real.

Caldin (2010, p. 99). Destaca o valor terapêutico que a leitura exerce na criança é como o um jogo instigante e prazeroso, ouve se falar de crianças com problemas psicológicos que os familiares não dão conta da resolução sozinhos e precisam da ajuda de um profissional entre eles, psicólogos e terapeutas.

Referente ao assunto o Psicoterapeuta Bruno Bettelheim (1903-1990), que foi um professor e também terapeuta de crianças fez uso dos contos de fadas a solução no tratamento desses problemas ainda na infância, ele é autor da obra “A Psicanálise dos Contos de Fadas” (BETTELHEIM, 2007).

Para o autor.

As estórias de fadas representam, sob forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano, e como os contos tornam tal desenvolvimento atraente para o engajamento da criança nele. Este processo de crescimento começa com a resistência contra os pais e o medo de crescer, e termina quando o jovem encontrou verdadeiramente a si mesmo, conseguiu independência psicológica e maturidade moral, e não mais encara o outro sexo como ameaçador ou demoníaco, mas é capaz de relacionar-se positivamente com ele (BETTELHEIM, 2007, p, 12).

O autor continua seu pensamento em relação aos contos de fadas.

Os contos têm um grande significado psicológico para crianças de todas as idades, tanto meninas quanto meninos, independente da idade e sexo do herói da história. Obtém-se um significado pessoal rico das estórias de fadas porque elas facilitam mudanças na identificação, já que a criança lida com diferentes problemas, um de cada vez (BETTELHEIM, 2007, p, 18).

O citador autor afirma que o leitor nunca é confrontado diretamente pelos contos de fadas e nem explicita de que maneira ele deve realizar suas escolhas, ao contrário disso, guia a criança no desenvolvimento de uma consciência mais elevada fazendo uso do resultado que vão decorrendo e que seduz o leitor (BETTELHEIM, 1980, p. 34).

Merege (2010, p. 79) afirma que, “nos últimos anos, os contos de fadas vêm sendo cada vez mais utilizados por psicólogos, psicanalistas e terapeutas tradicionais” como “um

poderoso instrumento de autoconhecimento, de aproximação com o divino e de cura, ou superação, de problemas individuais”.

E Bettelheim (1980, p. 11) afirma que “hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida”. E segundo ele, é através das nossas experiências de vida que conseguimos dar sentido à nossa vida e conclui que é na etapa do crescimento que essas experiências são adquiridas:

Fui confrontado com o problema de deduzir quais as experiências na vida infantil mais adequadas para promover sua capacidade de encontrar sentido na vida; dotar a vida, em geral, de mais significados. Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação (BETTELHEIM,1980, p. 12).

Bettelheim (1980) lembra que em tempos passados alguns educadores e pais, não eram a favor de contar estórias para seus filhos e alunos tão somente por deduzir que tais contos ao serem fictícios, falsos, e que continham em alguns deles brutalidades, poderiam afastar lhes da vida real e ingressar num mundo apenas de fantasias e imaginação.

Por outro lado, lembra Caldin (2004, p, 86) “embora muitos acusem de maléfica a agressividade contida em alguns textos infantis, sabe-se que uma dose de violência é possível de ser aceita” uma vez que “a criança pode extravasar sua própria agressividade de forma inócua”.

Não significa que deva incentivar qual quer tipo de agressividade, porém, implica dizer que tem uma necessidade por parte das crianças em externar emoções condenadas e que são passíveis de sofrer sanção socialmente.

CAPITULO II

CONTO DE FADAS E O LETRAMENTO

2.1-Para entender o letramento: origem e conceitos

Antes de mais nada, temos que ter uma noção do que significa o termo letramento, que para Soares (1988), a palavra chegou ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas na segunda metade dos anos 80, e em um dos seus livros intitulado do seu livro “Letramento: um tema em três gêneros” (1988, p 18) no qual explica que o mesmo é resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Ademais, a palavra letramento ainda causa estranheza pois se confunde com outras palavras já conhecidas no mesmo campo semântico como por exemplo: analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização, alfabetizado e, mesmo, letrado e iletrado. A mesma autora coloca algumas definições conforme o Aurélio para que possamos fazer a diferenciação.

Analfabetismo define o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é o "estado ou condição de analfabeto", e analfabeto é o "que não sabe ler e escrever", ou seja, é o que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever; a ação de alfabetizar, isto é, segundo o Aurélio, de "ensinar a ler" (e também a escrever, que o dicionário curiosamente omite) é designada por alfabetização, e alfabetizado é "aquele que sabe ler" (e escrever). Já letrado, segundo o mesmo dicionário, é aquele "versado em letras, erudito", e iletrado é "aquele que não tem conhecimentos literários" e também o "analfabeto ou quase analfabeto". (SOARES, 1988, p. 16).

No Brasil, a tradução da palavra letramento tal qual conhecemos hoje, conforme explica Soares (1988) é da língua Inglesa *literacy* que originalmente, vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que manifesta qualidade, condição, estado, fato de ser. Desta maneira, *literacy* é o estado ou condição que assume o sujeito que aprende a ler e escrever. Nessa perspectiva o letramento se apresenta como a capacidade de compreender o que se está lendo e de poder usá-lo cotidianamente, em um processo de interação com as palavras escritas e não somente a decodificação do som em letras ou ao contrário, letras em som.

Vale destacar que, antes ler e escrever o alfabeto, ou até mesmo assinar o próprio nome e ler uma frase qualquer, habilitariam a pessoa como alfabetizado em pesquisas sobre o grau de escolaridade no Brasil. No entanto Soares (1988, p. 21) ressalta que para essa

avaliação atualmente o indivíduo tem que mostrar que consegue ler e escrever um bilhete simples.

Ressalte-se que em relação a escrita na Educação Infantil, Ferreiro (1985) enfatiza que a execução da linguagem escrita através de ação de memorização e exercícios prontos não levam em conta a bagagem cognitiva que a criança trás e que é capaz de aprender a interagir no meio social em que ela vive tendo assim a sua construção do conhecimento. Na concepção dessa autora o aluno precisa ser inserido como sujeito ativo e se relacionar com os objetos da realidade. Para tanto, Ferreiro diz que é preciso levar em consideração as histórias ouvidas, contadas por essas crianças, bem como considerar aquelas tentativas que o aluno tem de escrever seu nome, bilhetezinho, nome de mãe, etc. Ferreiro defende que:

[...] essas atividades assumem grande importância no processo, pois são geradoras de espaço para a descoberta dos usos sociais da linguagem - que se escreve. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções da norma culta (FERREIRO, 1985, p. 31).

Recorreremos mais uma vez ao Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) que fala o quanto é fundamental apresentar a criança variados tipos de textos porque as suas primeiras hipóteses surgirá desse contato (com o texto) acerca da linguagem escrita

A aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada ao contato com textos diversos, para que as crianças possam construir sua capacidade de ler, às práticas de escrita, para que as crianças possam desenvolver a capacidade de escrever autonomamente. A observação e a análise de produções escritas revelam que elas tomam consciência, gradativamente, das características formais dessa linguagem (BRASIL, 1998, p. 128).

Soares (1988) afirma que o letramento deve ser visto como a entrada social do indivíduo no universo da escrita, que perpassa a alfabetização que é entendida como a apropriação de códigos, desta forma a autora insiste que é preciso que os profissionais alfabetizem letrando, visto que devemos envolver o aluno em atividades de alfabetização em situações de uso da língua socialmente relevante.

Batista (2006) embasa que estudos mostram que a relação direta entre a escolaridade e o letramento é inexistente, no entanto esse autor enfatiza que a escolarização possibilita aos alunos participarem de eventos de letramento, pois, ter o contato com diversos gêneros

textuais faz com que eles se identifiquem numa sociedade letrada, onde a dominação da escrita, leitura e a linguagem são usadas também como instrumento de poder, sendo assim, o trabalho com a literatura infantil é importante para que eles adentrem na realidade do letramento e fazendo com que esses alunos se transformem em ávidos leitores e socialmente situados.

2.1.1 Contos de fadas para o auxílio na prática social de leitura e escrita

Em Koch (2002, p. 19), “na atividade de leitura, ativamos lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais”. Para completar esse pensamento de Koch (2002), vejamos o que diz o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (v.3, 1998), sobre a leitura o RCNEI faz seguinte colocação:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. (RCNEI, p.143, v.3, 1998)

Para Rojo (2002, p. 2), a leitura é um pouco mais complexa pois, para a autora:

Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, práxicas, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas e metacognitivas).

Por outras palavras a leitura não acontece se as capacidades de compreensão, apreciação e réplica do leitor em relação ao que ele está lendo, não esteja acontecendo, ou seja, o sujeito tem que ter a capacidade de interpretação e interação com o texto, o leitor precisa dominar essas capacidades internamente.

Bettelhein (2002, p.12) contribui com a análise quando destaca que os contos de fadas possibilita a criança variadas significações, desta maneira enriquecendo sua existência pela diversidade das contribuições contidas nos contos, além do mais, favorece o conhecimento da linguagem escrita de uma forma prazerosa fazendo que o aluno atinja seus objetivos pedagógicos.

Os contos parecem ser onipresentes nas teorias dos pensadores até aqui apresentados, quando assunto é formação do sujeito, pois uma grande gama do que é preciso para essa formação na infância estão contidos nas histórias infantis.

Sobre isto, Bakhtin (1934-35: 142) é enfático ao afirmar que a escola assim como a educação básica são lugares que ensinam e aprendem os conhecimentos que foram acumulados por gerações, como informações, regras, modelos, ideologias e que também é lugar de formar o sujeito social com valores éticos e morais. Valores que estão contidos na literatura infantil conforme autores presentes neste estudo.

Ainda segundo Bakhtin (1934-35: 142) pensar na formação do leitor cidadão é dar possibilidade e certeza que eles (alunos) atingirão a capacidade necessária ao exercício pleno da compreensão. Assim sendo, trata de usarmos a palavra de maneira sutil e não autoritária, uma maneira que não soe decorativa, mas de maneira a penetrar no discurso do autor.

Entendemos que essas estratégias estão afinadas com o pensamento da autora Soares (2009) que explica que não basta que a história seja apenas lida, do contrário, ela não atingirá o objetivo que é de ampliar os conhecimentos das crianças sobre a função do uso da escrita, para a autora “É necessário que o objeto portador da história seja analisado com as crianças e sejam desenvolvidas estratégias de leitura [...]”. (SOARES, 2009, p. 3).

2.1.2- O papel do professor ao contar histórias

A criança facilmente se encanta num panorama em que tudo é possível dentro da sua imaginação e é assim que a criança se sente ao ouvir histórias cheia de coisas que a façam sorrir e as transporte para o mundo de faz de contas. Por tanto vale a pena salientar o quanto a desenvoltura do professor que está contando a história é importante, pois, é nesse momento que o contato com a leitura e escrita está acontecendo. De acordo com Simões (2000, p. 26):

[...] nos momentos de leitura, o educador deve sempre procurar ser literal e dar certo caráter interpretativo à sua leitura, usando variações de entonação [...] de forma clara e agradável. [...] O educador deve procurar agir como elemento incentivador do interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor (mediador) das histórias, mas, também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais um ouvinte – participante no mundo do imaginário. Essa postura deve ser reforçada particularmente quando escutar as posteriores “leituras” que as crianças fazem das histórias lidas.

O professor com seu estilo próprio vai seduzindo o ouvinte para a leitura e escutar histórias segundo Abramovich “é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1991, p. 16).

Assim sendo, a professora em momentos como esse pode usar de criatividade vocal dramatizando a voz dos personagens, mostrando as imagens do livro para chamar a atenção do ouvinte para uma interação completa, a professora pode até mesmo usar os jogos verbais como: “Cadê?”, “Quem é?”, “O quê?”, “Como?” etc., na medida em que a narrativa acontece. Abramovich (1991, p. 16) alega que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo”. A autora reitera a relevância de a criança ouvir muitas histórias para dessa maneira, construir referências de leituras e de comportamento leitor. E claro, para isso o papel do professor é fundamental como já foi destacado acima. Não obstante, o professor que não esteja atualizado diante de tantos personagens que a mídia apresenta muito provavelmente esse professor terá certa dificuldade em acompanhar o que uma criança está falando e também qual ficção ele poderia usar na sua criatividade.

Através do professor conforme percebido nas falas dos autores contidos neste trabalho é muito possível a obtenção de êxito na formação de crianças leitoras que tanto precisamos e queremos em nosso meio social, já que, nessas experiências os ouvintes vão se apropriando do comportamento que aproximam e ajudam a tomar gosto pelas narrativas dos livros e pela leitura. E se esse estímulo for sistemático fazendo com que a criança aprenda a ler o quanto antes para ela mesma desvendar as frases, parágrafos e textos inteiros sem o mediador, estaremos formando futuros leitores.

2.1.3-Que histórias contar em sala de aula

Conforme M. Coelho (2006) nem toda história já vem pronta para ser apresentada aos alunos, a linguagem escrita para sua total compreensão precisa de adaptações verbal, dessa forma se tornará mais dinâmica e comunicativa. A autora prossegue dizendo que

Naturalmente, e necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas. Esse primeiro passo é o mais demorado,

recomendando-se cuidado para evitar tropeços depois. Às vezes leva-se algum tempo pesquisando em livros e revistas até se encontrar a história adequada a faixa etária e que atenda aos interesses dos ouvintes e ao objetivo específico que a ocasião requer. É preciso também considerar o estilo e o gosto pessoal do narrador (COELHO, M., p. 13, 2006)

Nessa visão é possível perceber que para contar histórias é preciso gostar e compreendê-la para que o narrador possa transmiti-la bem, com sensibilidade e emoção, outro fator importante é escolher o que gosta de contar, por exemplo, se não gosta de histórias tristes, evite escolhe-la.

Ainda de acordo com M. Coelho, (2006) existem indicadores que facilitam a escolha dos contos entre eles o fator idade, pois, há publicações com especificidade para cada faixa etária e as editoras costumam indicar catálogos com tais indicações.

CAPITULO III
O ENSINO DA LEITURA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ESCOLA MUNICIPAL
MARIA FERREIRA NOBRE

3.1 A construção e formação para o letramento

Frente ao contexto social, a leitura e a escrita assumem importância grande como instrumentos de inserção social, visto que este processo é dinâmico e contínuo e deve estar diretamente ligada a sua diversidade e complexidade.

Assim, se faz necessário destacar que os contos de fadas sempre fascinam todos que entram em contato com esse gênero da literatura, além disso, os contos possibilitam um momento único entre o aluno e seu professor, pois, estão interagindo na mesma fantasia. No que se refere a aprendizagem, percebemos pelas muitas de grandes teóricos que abordam o tema, que os contos fortalecem o processo de letramento da criança.

Na concepção de Ferreiro (1995, p. 42):

“A leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e “cuja aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas”. A escrita não é um produto escolar, mais sim, um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade e sendo um objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções culturais. “Ou seja, a produção da escrita começa antes da escolarização”.

Nessa perspectiva, reconhecemos que o (a) professor (a) precisa ter o hábito de ler e escrever, dessa maneira o aluno se tornará um leitor, escritor, não estamos falando da maneira comercial da escrita, mas de ser um pesquisador eficaz na maneira de escrever. Ferreiro (1985, p. 18).

Em vista de tudo que foi apresentado neste trabalho, fica evidente que contar histórias para criança não é um fato sem importância, ao contrário, agrega muito valor educativo e não somente isso, possibilita a reflexão e uma aprendizagem significativa.

3.1.2 Relatos da prática vivenciada

Inicialmente convém mencionar que contar história é uma arte, seja dentro da sala ou em casa é uma atividade relevante para o desenvolvimento cognitivo e também para as

propostas serem alcançadas. Já foi falado no início dessa jornada que desde tempos remoto da humanidade a contação de histórias se constitui em uma ferramenta privilegiada na transmissão de valores e conhecimentos humano.

Para iniciar esta etapa conversamos com duas professoras atuantes no 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Castanhal PA, intitulada “Escola Municipal Maria Ferreira Nobre”, esta situada no campo e com salas multisseriadas. É uma escola de pequeno porte a estrutura física e de pessoal e caracterizada da seguinte forma: 3 salas de aulas, 15 funcionários, 4 professoras e 50 alunos, sala de diretoria, sala de professores, Cozinha, Sala de leitura, Banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, pátio coberto e lavanderia é um ambiente bem cuidado e harmonioso, para se ter uma ideia a diretora já está a frente da gestão da escola a treze anos, mesmo com a troca de prefeitos ela continua com seu trabalho, mostrando que todos estão satisfeitos, entre políticos e os pais de alunos, do contrário, já teria sido substituída.

Tal escolha se deu no sentido de compreender a concepção desses professores quanto a utilização do gênero contos de fadas como metodologia no ensino e quais as contribuições os contos trazem.

Para isso, foi analisado as respostas sobre as questões da entrevista aplicada as professoras e com atenuante de serem docentes que também já ter tido experiência com atuação na sala de leitura, o que parece estar “aptas” a responderem as perguntas sobre o uso do gênero em questão. No entanto, cabe ressaltar que as mesmas professoras quando entrevistadas afirmaram não ter nenhuma formação específica na modalidade de contar histórias, mas que por outro lado, as mesmas possuem uma grande experiência dentro de sala de aula.

Sobre isso, Bussato (2003), destaca que narrar não é um ato simplório, mas, que requer preparo do educador. A modalidade tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar tem como papel encantar. Abramovich (1991) por sua vez também contribui quando revela que contar histórias é o uso claro e harmônico da voz, uma vez que professor tem que estar atento na expressão, entoar a voz na hora certa, para que dessa forma, passe sentimentos e clareza na sua fala, essas são técnicas fundamentais de um bom contador de história.

O quadro a seguinte traça um perfil das professoras participantes da pesquisa o qual denominaremos P1 e P2, com as respectivas respostas e análise.

Quadro 01. Perfil Profissional

Professora	Formação	Tempo de atuação	Turmas
P1	Licenciatura plena em Pedagogia	12 anos	1º ao 5º ano
P2	Licenciatura plena em Pedagogia	10 anos	1º ao 5º ano

Fonte: produzido pelo pesquisador - 2018

Ao observar o quadro acima, nota-se que as professoras ao atuar no ensino fundamental de 1º ano do ensino fundamental já possuem mais de dez anos de atuação como docentes o que supõem-se que as mesmas estejam “preparadas” para atuar com este gênero literário.

São professoras com licenciatura plena em Pedagogia, ao qual é uma exigência da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, conforme Art. 62., em que destaca a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

No que toca as concepções quanto ao gênero conto de fadas no processo de construção do letramento no primeiro ano do ensino Fundamental utilizamos o questionamento 01, quando enfatiza acerca da relevância deste gênero. Para tanto:

01- Qual a importância do gênero contos de fadas para ser usada nas suas aulas?

Neste, as professoras P1 e P2 concordam que utilizar os contos em sala de aula pode tornar o aluno um bom leitor, P2 relata que por ser uma leitura de fácil entendimento, torna-se fácil e ao mesmo tempo prazeroso de se trabalhar, P1 por sua vez diz que os contos aguçam o imaginário infantil surgindo questionamento das mesmas que no andamento da história é sanado.

P1. Utilizar o gênero contos de fadas nas aulas é dar início a aprendizagem para o aluno ser um bom leitor, é proporcionar ao aluno um caminho de infinitas descobertas e de compreensão de mundo. Os contos de fadas conseguem deixar fluir o imaginário e leva a criança a ter curiosidade, que será respondida no decorrer da leitura dos contos.

P2. A partir dos contos podem-se utilizar palavras para trabalhar leitura de palavras. E por se tratar de uma leitura simples e clara, torna-se mais fácil e prazeroso para trabalhar com o aluno.

Em relação ao uso dos contos de fadas avaliamos que a professora P1 utilizou em suas aulas, um pensamento alinhado aos teóricos que utilizamos neste estudo, principalmente no que se refere à compreensão de mundo, pois, conforme Bruno Bettelheim a utilização de contos repetidamente favorece essas descobertas.

O contato com a leitura deve ser uma fonte de distração, prazer e valorização da própria leitura. Em alguns lares as crianças tem a sorte de conviverem com a leitura desde muito cedo. Outras só mesmo ao chegarem à escola.

“Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança”. (BETTELHEIM, 1980, p-20).

Em relação ao processo avaliativo para com o uso do gênero, e com isto a possibilidade de verificar o desempenho dos alunos destacamos:

02- Se utilizou esse gênero, como foi desenvolvida a avaliação para verificar o desempenho dos alunos?

P1. Faz sua avaliação em duas etapas, compreensão do texto e a participação aliada ao envolvimento da classe com a atividade. P2. tem outros métodos, ela trabalha fonemas, sílabas e palavras que começam com a mesma letra encontradas no conto.

P1. Eu avalio conforme a compreensão dos textos por parte dos alunos com base na atividade proposta. A participação e o envolvimento dos alunos também é avaliada.

P2 Através da identificação de palavras relacionadas ao conto trabalhado, trabalhando som inicial, final, número de sílabas, relacionando com palavras com a mesma inicial etc.

Nota-se presente, um modelo de avaliação diagnóstica das professoras, pois, não julgam e não excluem, elas identificam as dificuldades de aprendizagens para em seguida dar seu parecer, vemos isso em, Luckesi (2000, p. 08), a avaliação auxilia uma vida mais plena,

“[...] desde que constata, qualifica e orienta possibilidades novas e, certamente mais adequadas”.

Em relação ao momento, “hora” de utilizar o conto em suas percepções, perguntamos.

03- Como você identifica e percebe a necessidade do uso de contos de fadas em sala de aula?

P1. Tem em vista a eficácia dos contos na alfabetização e a aceitação do mesmo por parte dos alunos, dessa maneira ver a necessidade de adiciona-lo em suas aulas.

P2. Afirma que por ter uma linguagem acessível pode explorar as palavras de maneira que os alunos compreendam com mais facilidade, daí a necessidade de fazer uso da ferramenta.

P1. Como os contos de fadas tem uma boa aceitabilidade e facilidade de leitura e compreensão, identifico a necessidade de utiliza-los de acordo com a organização e planejamento das aulas. Tendo em vista que é uma literatura criativa e eficaz na alfabetização.

P2. Por meios deste exploram-se palavras significativas, uma vez que os contos possuem uma linguagem simples de fácil compreensão para os alunos.

Os contos podem ser de grande valia às aulas de português, além do mais, a identificação emotiva entre os alunos e os personagens predispõe as crianças à leitura. Segundo Abramovich (1995, p.17) “...por meio das histórias a criança pode vivenciar diferentes emoções, sentindo profundamente o que as narrativas podem provocar no imaginário infantil.” Daí a necessidade de usá-los sempre, pois, é literatura criativa e de fácil compreensão.

Nas aplicações metodológicas, utilizamos as seguintes perguntas:

04. Se você faz uso de contos de fadas em sala de aula, como metodologicamente você trabalha com este gênero?

P1. Notadamente entende dos procedimentos para usar os contos como metodologia, pois, ela se importa com a bagagem cultural dos alunos ao fazer o levantamento do que eles já conhecem sobre os contos antes de iniciar a atividade.

P2. Vai pelo caminho de explorar o que a oralidade oferece, no caso, a história contada, a partir disso continua usando as passagens do conto para perceber o senso crítico dos alunos, percebe-se também que a professora gosta de usar as palavras contidas no conto para trabalhar a escrita e leitura.

P1. Primeiramente iniciamos com uma conversa com os alunos sobre o trabalho que será desenvolvido, e esclareço que iremos trabalhar o gênero conto de fadas. Fazemos o levantamento dos conhecimentos prévios, qual conto preferido, qual tem em casa, quais conhecem, enfim, em seguida, damos prosseguimento ao trabalho proposto na sequência didática.

P2. Geralmente após a leitura, faz-se uma discussão sobre a história, explorando a expressão oral e conhecimento crítico, depois trabalha-se a escrita e leitura com as palavras relacionadas ao que foi lido.

As pedagogas participantes desse trabalho, ao usar os contos como metodologia de ensino, estão alinhadas com que diz o Referencial curricular nacional para a Educação Infantil, 1998, p.135:

O ato de ler é cultural. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto para a beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, etc.) e pela escrita (RCNEI, 1998, p.135)

Em se tratando de um gênero literário rico em personagens questionamos:

05. Como é a recepção dos alunos quando é proposta o trabalho deste gênero?

Justifique.

P1. Diz que os alunos gostam e recebem bem a hora do conto, pois, existe identificação com o gênero contos de fadas,

P2. Limitou-se a dizer que existe por parte dos alunos interesse e que ficam curiosos para saber qual história será contada.

P1. Geralmente a recepção dos alunos é muito boa, pois é um gênero textual que eles se identificam.

P2. Geralmente há interesse e curiosidade.

Na eminência de saber se existiam percalços na aplicação do gênero contos de fadas, perguntamos.

06. Qual e quais são os maiores desafios para o professor trabalhar este gênero no espaço da sala de aula?

P1. Os desafios são de refletir sobre o uso da leitura não somente dos alunos, mas também do próprio educador, talvez ela quisesse dizer que não se pode parar de trabalhar a prática da leitura.

P2. Lamenta a falta de recursos materiais e a morosidade em conseguir esses recursos.

P1. Os desafios é sempre repensar a prática de leitura tanto dos discentes quanto do próprio docente.

P2. Maiores desafios normalmente quanto conseguir recursos alternativos com antecedência.

São muitas as variantes que um professor enfrenta como dificuldade para aplicar com sucesso uma metodologia e no referente aos contos não é diferente, como vemos na fala de Abramovich.

Para contar uma história – seja ela qual for- é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade, das frases, dos nomes...Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção...Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...Contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1991, p. 18).

Na mesma linha da pergunta anterior a resposta as dificuldades encontradas em colocar em pratica o gênero em foco neste estudo indagamos:

07. Quais seriam as dificuldades encontradas para pôr em prática esse gênero?

P1. Afirma que o gênero pode ter muitas facetas e que se surgir alguma dificuldade, logo é encontrada uma maneira de superá-la devido a riqueza que os contos de fadas possuem. O uso da criatividade do professor é fator importante nessa hora, diz ela.

P2. Gostaria de ter mais materiais a sua disposição, para fazer uso da dramatização que na hora do conto é também primordial.

P1. Não há como elencar as dificuldades, pois o gênero é muito rico e pode ser explorado de muitas formas, cabe ao professor saber utilizar suas metodologias adequadas a cada aula.

P2. Às vezes conseguir recursos apropriados como figuras, roupas para a dramatização ficar mais atrativa.

A formação de um contador de história engloba praticamente a relevância das histórias infantis para o desenvolvimento da criança, contos de fadas e o universo infantil, o processo comunicativo e a oralidade características de uma boa obra para crianças, transmissão de valores através das histórias, tirar um maior proveito das histórias, contação de histórias e interação social.

Apesar das participantes desse trabalho não terem um curso específico no assunto, a prática de muitos anos na sala de leitura mostrou através da entrevista aplicada a elas que, a realização do procedimento de contar histórias corriqueiramente para as crianças, ainda é a melhor forma de se ter experiência.

Sobre isto ressaltamos que em conversa com as duas professoras em estudo observamos a segurança com que elas falavam do momento em que estavam fazendo uso das histórias, o que se mostra favorável a uma prática que se mostra perseverante, uma vez que se revela naquilo que se quer: "um bom profissional," dado os conhecimentos relatados por elas através das perguntas.

É bem verdade que, tudo isso deve ser formalizado pelo docente que deve se entregar totalmente ao processo de contação, com voz, gestos, roupas, entre outros. "Contar uma história é narrar para viver, para seduzir e capturar o ouvinte" (ARONOVICH, 2009, p.29). Desse modo, o professor irá ganhar a atenção do público alvo, assim, para podendo criar e desenvolver o hábito de leitura em todas as ocasiões.

Portanto, através da contribuição desses professores entrevistados, percebe-se claramente a importância dessa ferramenta como metodologia positiva no processo de letramento nas séries iniciais dessa modalidade de ensino no qual os contos de fadas só têm a contribuir para que possamos formar cidadãos mais críticos e leitores competentes, de forma que possam atuar em uma sociedade onde saber ler e escrever ainda é o primeiro passo para se conquistar um lugar nessa sociedade tão competitiva.

CONCLUSÃO

Este estudo enfatizou a utilização dos Contos de Fadas na construção do Letramento em uma escola do 1º ano do Ensino Fundamental e como recurso para o ensino-aprendizagem. Destacando a importância da promoção das leituras na rotina das crianças. O estudo adentrou na historicidade dos contos e permeou sua gênese e sua transformação e adequação para a literatura infantil.

Ademais, se fez relevante conhecer a origem histórica da literatura infantil e alguns dos principais autores que colaboraram para que o gênero se expandisse e se desenvolvesse para chegar aos dias atuais com *status* de obra literária. Para desta forma, confirmar os benefícios dessas narrativas como ferramenta poderosa disponível para professores que almejam que seus alunos se tornem futuros leitores.

Ressaltamos ainda, a importância da completude entre o mundo imaginário e o mundo da realidade para a formação do desenvolvimento da criança que precisa ser estimulada, seja para aguçar a inteligência, trabalhar a afetividade, emoção, o pensar, o sentir o querer a razão e imaginação, que auxiliam as crianças em seu crescimento integral, e as histórias como os contos de fadas proporcionam esse desenvolvimento, desta maneira, os contos devem estar presentes na vida da criança desde muito cedo, auxiliando-a na elaboração dos seus conflitos e emoções. Pois, sua estrutura apresenta personagens, valores, desafios, conflitos que se aproximam das temáticas dos sentimentos infantis, dando à criança condições para lidar com problemas internos e também compreender o mundo externo.

Os contos de fadas são como “soldados” na luta contra a nova modalidade de leitura no século XXI no sentido de não deixar o livro na estante, pois, tornou-se um desafio, formar novos e bons leitores e escritores. Por causa do número de linguagens e práticas de leitura

surgidas das novas tecnologias da informação que determinam novas práticas, novos saberes e poderes.

Ressaltamos que um dos desafios dos educadores e pais é fazer a criança e o jovem tomar gosto pela leitura. No ambiente escolar, o trabalho com a leitura principia tanto na Educação Infantil como no ensino Fundamental uma forma de despertar o interesse das crianças pelos livros e estimular a imaginação. A grande pergunta, mas, como fazer com que crianças e jovens se interessem pelos livros? Como alavancar o prazer da leitura em um século em que tudo está ao alcance dos dedos, em que os estímulos visuais e auditivos imperam, deixando pouco espaço para a imaginação? A resposta mais plausível e digamos simplória, seria de forma prazerosa, a leitura não pode estar relacionado a algo desgastante para o aluno, o lúdico não se encontra apenas no exercício do brincar, mas também no ato de ler e ouvir histórias, a literatura é uma arte que se expressa através de contos, dando enfoque à atração do leitor. Zilbermann (2005, p. 09) destaca de maneira bonita.

Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular.

Ao refletir sobre as contribuições da literatura infantil para a formação de leitores destaca-se Abramovich (1995, p. 16) que ressalta sobre a “[...] importância de ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]”.

Cabe aqui ressaltar que por trás de um bom conto é imprescindível que a professora contadora de histórias diversifique as formas de transmitir, seja: narrada, cantada ou teatral, podendo ser (re)contada de várias maneiras, revivendo-a de outra forma.

Enfim, pôde-se constatar, nas respostas das professoras, que o gênero literário contos de fadas é valorizado e aplicado, se mostra como instrumento eficaz para uma boa formação de leitores e que tanto no aconchego do lar como nas salas de aulas, são peças fundamentais para mediar a inserção da literatura infantil na formação de leitores.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- ABRONOVICH, Giselda Brasil. **Casa da leitura: métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-contacao-de-historias-como-incentivo-a-formacao-de-leitores/100664#ixzz58yGaOOhY>, acessado em 02/12/2017.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Scipione, 1991. Ática, 1989.
- BAKHTIN, M. M. (1934-35/1975) **O discurso no romance**. In: **Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance**, p. 71-210. SP: Hucitec/EdUNESP, 1988.
- BAMBERGUERD, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BARCELLOS, Gládis M. F.; NEVES, Iara C. B. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzato, 1995.
- BENTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de mundo** (v. 3). Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função terapêutica: biblioterapia**. Encontros Bibli, n. 12, dez. 2001. Disponível em: < <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e literatura infanto-juvenil**. Florianópolis: 2010.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo, Companhia das Letras, 2007. P. 13
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. CIN/CED/UFSC, 2010.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2007. P. 13
- COELHO, Maria Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2006. 78p.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Paulinas, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

COSTA, Isabel Alves. BAGANHA, Filipa. **Lutar Para Dar Um Sentido À Vida: Os contos de fadas na educação de infância**. Portugal, Edições Asa, 1989.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: Teoria & Prática. São Paulo: Ática, 1989.

DARNTON, Robert **A questão dos livros: passado, presente e futuro** / tradução Daniel Pellizzari — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. Trad. Sonia Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ESTÉS, Clarissa Pinkola (Ed.). **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, fantasia ao prazer de ler. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzato, 1990.

FERREIRO, E. et al. **A Representação da Linguagem e o Processo de Alfabetização**. México: Do Departamento de Pesquisas Educacionais, Centro de Pesquisas e de Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, 1985.
Janeiro: J. Zahar, 2004.

Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acessado em: 08 de março de 2018.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002. _____. Avaliação da aprendizagem escolar. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em: http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT1/GT1_Comunicacao/OtiliaMariadosSantosCosta_GT1_integral.pdf. Acessado em 07/03/2018.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.
origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

PAVONI, Amarílis. **Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana**. São Paulo: EPU, 1989.

ROJO, R. H. R. (2002) A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: “Ler é melhor do que estudar”. In M. T. A. Freitas & S. R. Costa (orgs) **Leitura e Escrita na Formação de Professores**, pp. 31-52. SP: Musa/UFJF/INEP-COMPED
São Paulo: Global, 1985.

SIMÕES, Vera Lúcia Blanc. **Histórias infantis e aquisição da escrita**. São Paulo. 2000.

SOARES, M. M. (1934-35/1975) **O discurso no romance**. In: Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance, p. 71-210. SP: Hucitec/EdUNESP, 1988.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TATAR, Maria (Org.). **Contos de fadas**: edição comentada & ilustrada. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. Disponível em <

[https://www.google.com.br/search?q=Zilbermann+\(2005%2C+p.+09\)&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR771BR771&oq=Zilbermann+\(2005%2C+p.+09\)&aqs=chrome..69i57.1143j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=Zilbermann+(2005%2C+p.+09)&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR771BR771&oq=Zilbermann+(2005%2C+p.+09)&aqs=chrome..69i57.1143j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8)> acessado em 08/03/2018.